

## Dicionário: alcance e limites

**Abstract:** The dictionary plays an important role in the acquisition of a second language as well as in the betterment of the mother tongue. While interest for studies of grammar are comparatively recent, the focus on lexis is as old as the history of written language. In fact, if language structures studied by syntax are important, so are lexical units, accountable for communication. As a matter of fact, *without grammar very little can be conveyed, without vocabulary nothing can be conveyed*. Hence the importance of the instrument aiming at the acquisition and expansion of lexical wealth. However, we cannot expect from the dictionary ready-made solutions for all lexical problems. There are cases wherein the solution comes from the *context*. Curiously enough we resort to the dictionary in order to further our knowledge of the language. Yet without a reasonable knowledge of that language, our search may be unsuccessful.

**Keywords:** lexis, vocabulary acquisition, importance of context.

**Resumo:** A importância do dicionário para a aquisição de uma língua estrangeira ou para o aprimoramento da materna é incontestável. Daí a antiguidade do dicionário relativamente à gramática e o crescente interesse que suscita nos estudos lingüísticos. Com efeito, se os estudos sintáticos destacaram a relevância das estruturas lingüísticas, os estudos lexicais assinalaram a importância das palavras, faltando as quais falta a comunicação, objetivo mor da língua. Contudo, o dicionário não pretende ir além do seu papel ancilar; ele tem, é verdade, as palavras, mas a *última palavra* será sempre do usuário. Consulta-se o dicionário para avançar no conhecimento da língua, mas sem um conhecimento razoável da própria língua, o resultado da busca pode ficar comprometido.

**Palavras chave:** dicionário, conhecimento lexical, vocabulário em contexto.

*Lutar com as palavras é a luta mais vã,  
no entanto luto mal rompe a manhã.*  
Drumond de Andrade

Deixando de lado, por enquanto, as definições que o dicionário dá de si mesmo, podemos considerá-lo como um *vademecum*<sup>1</sup>, de grande utilidade para quem navega no oceano da língua, materna ou estran-

geira, como aprendiz, leitor ou tradutor. Contudo, ele não pretende ser o guia onisciente que deve ser cegamente obedecido, e sim o conselheiro que nem sempre tem a resposta adequada. Esse paciente “pai dos burros” com frequência responderá a nosso apelo filial nutrindo-nos com seus ensinamentos, mas, não raro, há de reconhecer seus limites, sob pena de guiar-nos pelo caminho errado. É emblemática nesse sentido a seguinte anedota cujo cenário é uma nação da América hispano-falante.

“Mamá, ¿qué quiere decir *pene*?”, pergunta à queima-roupa uma criança ao voltar do jardim da infância. A mãe, superado o estupor inicial, tenta se sair pela tangente, como de costume, mas a filhinha não deixa. Então são convocadas a avó, as tias, e até as vizinhas para achar a resposta adequada. Mas a criança impertinente teima em recusar as explicações. O recurso ao dicionário tampouco adianta – as paráfrases de “miembro viril” não resolvem o impasse. Afinal perguntam à criancinha o *quem*, *como* e *quando* daquela palavra que... nem sequer deveria ser pronunciada numa escola infantil, menos ainda em se tratando de um colégio de freiras. A menininha, então, explica: “hoje, na oração, antes de começar a aula, a irmã professora disse para rezarmos pelo coleguinha que morreu na semana passada, para que a alma dele não *pene* no purgatório”.

Essa anedota familiar, protagonizada por uma criança pré-alfabetizada, diz muito a respeito das palavras. Em primeiro lugar, elas não são átomos à deriva no vasto universo lingüístico; são, antes disso, elos que ocupam um lugar específico no tecido da linguagem, e, se mal colocadas, perdem seu valor, chegando a causar problemas de interpretação na comunicação oral ou escrita. Curiosamente, o ditado, comum ao universo hispano-falante, com finalidade moralista, casa bem aqui, embora sem o viés anterior: “dime con quien andas y te diré quien eres”. No caso referido, uma criança que mal conhece o próprio código lingüístico demonstrou que há situações em que o dicionário é insuficiente. A companhia que ajudará a identificar a fatídica palavra é o *contexto*. Foi ele que revelou tratar-se do presente de subjuntivo do inócuo verbo *penar*. Nada a ver com o “substantivo masculino” (aliás, tipicamente masculino), evocado imediatamente pelos adultos consultados. O professor Philippe está coberto de razão ao afirmar: “escolher a palavra certa para o contexto certo, não é uma opção, é uma exigência” (Humblé, 2001, p. 184).

Ainda no âmbito da língua materna, é fácil constatar que o léxico continua em expansão durante a vida adulta (Carter-McCarthy, 1988, p. 44), embora num ritmo muito menor que nas etapas precedentes.

Lutar com as palavras não é apenas uma “luta vã”, é uma luta interminável, “es cuento de nunca acabar”. A razão é óbvia: a sintaxe possui um número reduzido de regras, algo análogo ao universo da fonética-fonologia. Por isso se aposenta a gramática em idade relativamente precoce. Já o dicionário é a arma que deve estar sempre ao alcance de quem está permanentemente às voltas com as palavras.

A ênfase na sintaxe e na fonética-fonologia no estudo da língua, materna e estrangeira, tem relegado o léxico a um segundo ou terceiro plano, como questão periférica. Acreditava-se que, resolvidos os outros problemas gramaticais, ficariam resolvidos, por tabela, os lexicais. Tamanho descaso do vocabulário só pode ser explicado por não levar em consideração o que realmente a *palavra* é (Aitchison, 1988, p. 33) e o que está em jogo no *conhecimento* da palavra (Carter-McCarthy, 1988, p. 44). Pode-se afirmar, no entanto, que atualmente o léxico ganhou ou está ganhando o destaque que lhe corresponde. Se o conhecimento da gramática é necessário para a comunicação, objetivo mor da linguagem, igualmente indispensável é o conhecimento do léxico”. Os lingüistas, bem como o falante de qualquer língua não podem deixar de lado a importância da palavra, que é o elemento mais central no sistema social de comunicação”<sup>2</sup>. De pouco adianta o conhecimento das estruturas gramaticais, se falta o “recheio” das palavras: “sem a gramática, é pouco o que pode transmitir-se; sem vocabulário, *nada* pode ser transmitido” (grifado do autor) (Carter-McCarthy 1988: 42)<sup>3</sup>. Não estranha, portanto, que na atualidade se fale de “habilidade vocabular” (“*vocabulary skill*”) como mais uma das habilidades lingüísticas, e de “competência lexical” (“*lexical competence*”) à altura das outras competências (Carter-McCarthy, 1988, pp. 50-51) e subjacente à *performance* correspondente.

O meio mais comum de se adquirir a habilidade e competência lexical referida é, via de regra, pelo uso do dicionário. Essa medida decorre do ingente volume do acervo lexical, por uma parte, e do nosso conhecimento limitado desse acervo, por outra. Dificilmente haverá alguém tão erudito (ou tão tolo) que afirme conhecer todas as palavras de uma língua. Com efeito, uma vez que a linguagem é uma realidade viva, a sua vitalidade implica mudança e renovação constantes, sendo o léxico o flanco mais exposto a esses embates. Assim o reconhece o poeta romano Horácio que considera o léxico sujeito às leis do nascimento, envelhecimento e morte, assim como nós mesmos e tudo o que nos diz respeito<sup>4</sup>. Segundo Alfonso Reyes, o agente responsável pela renovação da linguagem não é a Academia, pois se dependesse dela “estaríamos ainda falando latim”; é, no lugar disso, o *vulgo* cuja

vitalidade desrespeita o uso canônico da linguagem e transgredir muitas vezes as normas em vigor (Reyes, 1990, p. 65). Em outras palavras, a língua se renova e cresce com as criações e transgressões dos seus falantes. Ela não é um produto e sim um processo (Grijelmo, 2003, p. 20), um *continuum* cujo início e fim coincidem com os da humanidade.

Os estudiosos do vocabulário indagam sobre a importância do tema. Fala-se, então, de um “vocabulário básico” (“working vocabulary”). Não se assinala o volume, mas se supõe que será como que o investimento inicial, o mínimo que, se corretamente administrado, crescerá até níveis comparáveis com os do vocabulário da língua materna. Ora, de quantas palavras consta o acervo lexical de um falante na língua materna e de quantas nos diversos estágios da aprendizagem da língua estrangeira? Suposta a assimetria entre o vocabulário passivo e o ativo, qual a defasagem entre um e o outro? Quais os procedimentos para reduzir a brecha entre conhecimento passivo e uso produtivo das palavras? Alguns destes questionamentos são objeto de pesquisa, outros de especulação. Os dados disponíveis colocam entre 20 mil e 100 mil os itens que formam o acervo lexical de um falante médio (Carter-McCarthy, 1988, p. 44). Cálculos mais otimistas estimam entre 50 mil e 250 mil as palavras que um adulto altamente escolarizado possui (Aitchison, 1988, p. 7). A cifra maior se refere ao conhecimento passivo, vale dizer, palavras cujo significado o falante é capaz de compreender ou reconhecer na leitura ou na escuta. Já a quantia menor concerne às unidades lexicais que estão como que de prontidão, uma espécie de léxico “stand by”.

O léxico entrou finalmente no *mainstream* das questões lingüísticas debatidas na atualidade. Ele, por sua vez, colocou na ribalta o seu veículo favorito, ainda que não exclusivo: o dicionário. Este atraiu grande parte da discussão outrora monopolizada pela gramática. A atenção voltada para o “pai dos burros”, ao mesmo tempo que salientou a importância da área da lexicografia no âmbito da lingüística, revelou também algumas de suas mazelas. Verificou-se, por exemplo, que a vitalidade e o dinamismo das palavras não se sente à vontade na camisa de força dos esquemas lexicais. “Son las palabras los embriones de las ideas, el germen del pensamiento, la estructura de las razones, pero su contenido excede la definición oficial y simple de los *diccionarios* (grifo meu) (Grijelmo, 2003, p. 11)<sup>5</sup>. A idéia de delimitar os significados das palavras é cara aos lexicógrafos e professores cujo trabalho seria notavelmente simplificado se as palavras tivessem definições exatas. No entanto, o significado não se fixa com alfinete, como se fosse um inseto de coleção. Muito pelo contrário, ele paira sobre a realidade, voa como borboleta (Aitchison, 1988, p. 40)<sup>6</sup>.

O advento da informática e a sua irrupção principalmente na área lexical trouxe uma lufada de otimismo. Graças às novas tecnologias o lexicógrafo atual tem a seu dispor *corpora* com milhões de palavras para a elaboração de todo tipo de dicionários. Estes, por sua vez, poderão incluir informações semânticas, sintáticas e colocacionais que auxiliarão eficazmente o usuário na tarefa de aprender – ensinar a língua, materna ou estrangeira. Como resultado pode-se constatar a proliferação de dicionários impressos e eletrônicos, monolíngües, bilingües e bilingualizados ou híbridos. Contudo, cabe ressaltar que as modernas tecnologias ainda não deram, no campo da lexicografia, os frutos que estão chamadas a produzir, já que ela conta com instrumentos muito poderosos cujo uso mal começou a ser explorado.

No que tange a dicionários, as perspectivas são alvissareiras. O tamanho deles deixou de ser problema; diferentemente dos limites impostos pelo texto impresso, o espaço virtual do dicionário eletrônico é ilimitado. Quanto à consulta, ela se realiza em dois toques, isto é, com dois ou três “cliques” que, depois de feitos, temos ante nossos olhos os dados solicitados, em questão de segundos. As vantagens são evidentes: o leque de acepções disponibilizado facilitará ao usuário a escolha da palavra certa. Em caso de compreensão do vocábulo em língua estrangeira na leitura, escuta ou tradução não haverá dificuldade em selecionar o equivalente ao da língua materna. E se a língua de partida é o espanhol, “no caso de uma palavra desconhecida não ser encontrada, o estudante brasileiro não encontrará dificuldade em entender a definição dada, (...) em virtude da sabida ‘proximidade dos códigos’” (Humbly, 2002, p. 182).

A dificuldade surge, segundo assinala o mesmo autor, (Id., Ibid.), “na hora de *produzir* o idioma estrangeiro” (grifo no texto). A seguir vou me referir a um tipo especial de produção, que é a *tradução* e ao papel que desempenha nesta área o dicionário. Deixo de lado a *versão* ou tradução à língua estrangeira, para concentrar-me na tradução propriamente dita, mais freqüente e de menor complexidade. Teoricamente, colocar na LM o texto da LE em que o tradutor é pelo menos proficiente, não deveria ser problemático. O recurso ao dicionário resolveria as eventuais deficiências no conhecimento de uma das línguas em questão. Na prática, porém, as dificuldades parecem avolumar-se fazendo com que as boas traduções sejam “raros oásis num deserto de incompetência” (Perini, 2003, p. 85).

Contrastando justamente a exigüidade do oásis com a magnitude do deserto o crítico formula algumas perguntas, duas das quais dizem respeito ao nosso assunto: a) o tradutor sabe a língua do original?; b)

sabe português? Em seguida ele prova por a mais b que as suas perguntas não são apenas retóricas; aduz traduções erradas do italiano e do inglês. A elas poderíamos somar as feitas do espanhol. Neste último caso parece não ter cabimento a primeira das referidas perguntas. E a decantada proximidade das “línguas irmãs” onde é que fica? E o dicionário, se não é para resolver os raros conflitos que surgem quando da tradução, quando é que entrará em ação? Quando a língua de partida é o espanhol, o problema deriva da proximidade com a língua de chegada; as muitas semelhanças reais podem ocultar as enganosas. Sem falar das coincidências parciais, *apenas, sino* (senão, se não), *más bien* (raras vezes “mais bem”), etc.

“Quod natura non dat Salmantica non praestat”, reza o ditado. Trocando em miúdos: o dicionário não suprirá o conhecimento da língua, deficiente ou porventura inexistente. Olhando para o perfil dos tradutores brasileiros, constatamos que muitos deles, além de traduzir do inglês, francês e alemão, traduzem *também* do espanhol<sup>7</sup>. O raciocínio é claro: quem conhece uma das primeiras línguas, *a fortiori* conhece a última. Conseqüente e curiosamente, há boas traduções ao português de obras escritas em francês, alemão e inglês; já as do espanhol com freqüência deixam a desejar. Um conhecimento apenas superficial da língua de partida redundará em uma tradução do mesmo teor. “Sólo una larga residencia en el país cuya lengua aprendemos puede darnos la llave maestra del corazón de sus habitantes” (Ruiz Casanova, 2000, p. 410).

Para suprir o conhecimento e a *vivência* também da língua de partida, a consulta ao dicionário é o recurso usado em traduções do espanhol como as criticadas por Perini, feitas a partir de outras línguas. Além da referida vivência, *conditio sine qua non*, Mariano José de Larra, escritor e tradutor espanhol com sólido conhecimento do francês, exige de quem quer traduzir dessa língua para o espanhol: “saber leer francés y saber escribir español”. E arremata: “eso para traducir *bien*, porque para traducir *mal*, basta atrevimiento y *diccionario*” (grifo meu) (Ruiz Casanova, 2000, p. 417).

Embora critiquemos o dicionário e às vezes achemos que o burro é ele e não quem o consulta, nem por isso viraremos as costas a esse “pai”, disposto a acompanhar-nos ao longo de nossa caminhada, dentro e fora dos limites da língua materna. Entretanto, como filhos que atingiram a maioridade, sabemos que “papai-dicionário” nem sempre tem a resposta que procuramos. Neste caso temos que apelar para o contexto e lançar mão de nosso conhecimento intra e extra-lingüístico para complementar ou até para corrigir a informação do dicionário.



Curiosamente, consultamos o dicionário para incrementar, quantitativa e qualitativamente, nosso conhecimento da língua; mas sem um conhecimento inicial razoável da própria língua, a nossa consulta nem sempre será bem sucedida. Além disso, a posse e o uso desse conhecimento prévio poderá ser um *feed-back* de grande utilidade para os estudos lexicográficos e, de quebra, para o dicionário. Configura-se dessa maneira um círculo *virtuoso*: “pai” e “filhos”, isto é, consultado e consulentes interagindo, ensejando assim o enriquecimento recíproco e o de toda a família mono- e bilingüe.

## Notas

1. *Vademecum*: “livro de uso muito freqüente que o usuário de uma língua carrega consigo” (Houaiss).
2. “Linguistics like any other speakers of a language cannot help focusing their attention on the word, which is the most central element in the social system of communication” (Aitchison, 1988, p. 25) (tradução minha, tanto esta quanto as subseqüentes).
3. “Without grammar very little can be conveyed, without vocabulary *nothing* can be conveyed”.
4. Ele equipara as palavras às folhas das arvores que se renovam a cada estação, e conclui afirmando: “debemur morti nos nostraque” (*Arte Poética*, pp. 60-65).
5. O autor citado encerra a sua reflexão assim: “Nada podrá medir el espacio que ocupa una palabra en nuestra historia” (Ruiz Casanova, 2000, p. 410).
6. Tradução livre de: “Word meaning cannot be pinned down as if they were dead insects. Instead, they flutter around elusively like live butterflies”.
7. A informação veio à tona no encontro promovido pelo curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) em que se discutiu justamente “o perfil do tradutor”, celebrado na UFSC em 29 de abril de 2005.

## Referências

- Aitchison, J. *Words in the mind—an introduction to mental lexicon*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- Carter-McCarthy. *Vocabulary and language teaching*. Longman, 1988.
- Grijelmo, A. *La seducción de las palabras*. México: Taurus, 2003.
- Humblé, P. *Dictionaries and Language Learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen Verlag, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Compreensão vs Produção no Dicionário Bilingüe Português-Espanhol”. In: Daminai Costa et al. (Orgs.). *Línguas: ensino e ações*. Florianópolis: UFSC, 2002. pp. 181-191.
- Perini, A. M. “Tradução e traição”. In: Id., *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. S. Paulo: Parábola, 2004. pp. 83-102.
- Ruiz Casanova, J. F. *Aproximación a una historia de la traducción en España*. Madrid: Cátedra, 2000.